

A BESTA NO HOMEM

Emile Zola, no seu formoso livro, “A besta no homem”, demonstra o falhanço do clássico senso comum. Um irado engenheiro e um bombeiro discutem num comboio de passageiros e passam a vias de facto quando começam a agarrar a garganta um do outro, tentando forçar o outro da porta para fora. Perdendo o equilíbrio ambos são cuspidos do comboio rolando pela montanha abaixo. O comboio desloca-se a cada vez mais velocidade. Os desafortunados passageiros, soldados a caminho da frente de combate, estão adormecidos, ou bêbados, desconhecendo o desastre que pende sobre eles.

Esta história de Zola é uma parábola das sociedades modernas e das suas falhadas instituições. Aqueles que são supostamente responsáveis, estão enredados nos seus dramas pessoais, paralisados pelas suas preocupações, escravos das suas ambições pessoais, e já abandonaram a condução do comboio. Entretanto, nós, os passageiros esquecidos, estamos prestes a pagar o preço da irresponsabilidade, a menos que despertemos da letargia que nos invade.

O respeito pelas instituições e mesmo até pela religião está em declínio. Muito poucos dos nossos líderes são credíveis, existe muita confusão e há corrupção de sobra, que se traduz em políticas caóticas. Em toda a parte as pessoas sentem-se defraudadas, porque reconhecem a falha que existe entre o ideal proposto e a realidade, depois arranjam-se bodes expiatórios para justificar o que falhou.

Por outro lado, o torpor do *rame rame* do nosso quotidiano não nos deixa despertar e assumir o controlo do comboio da nossa vida. Estamos demasiado amorfos, somos alérgicos à dor e ao sofrimento e revoltamo-nos contra o aguilhão da aflição e do tormento, que sucede, inevitavelmente, ao abandono dos sentimentos e dos prazeres egoístas. Somos como o exemplo dado por Zola, do engenheiro e do bombeiro, que egoisticamente só pensaram neles próprios, enquanto o comboio se deslocava a grande velocidade para um desastre iminente.

A nossa responsabilidade individual na vida será sempre directamente proporcional ao nosso grau evolutivo, e, por conseguinte, é nosso dever e nossa obrigação, agarrar a vida em toda a sua plenitude e entender que a dor, o sofrimento e o tormento são necessários para o nosso próprio desenvolvimento e crescimento espiritual. A dor e o sofrimento têm o condão de redireccionar o nosso pensamento para a nossa morada celestial, e sem dor não há crescimento anímico possível, é tão simples quanto isso.

Muitas vezes aprendemos lições que nos são penosas de assimilar, mas como temos livre arbítrio e a faculdade de escolha das nossa acções, que é essencial ao desenvolvimento da capacidade da razão, somos responsáveis pelas mesmas.

A besta no homem só se manifesta quando não vivemos a vida superior, quando preferimos a via larga material, à porta estreita da Iniciação.

António Ferreira
2023-07-15